

## TIA E SOBRINHO

Eis-me a trazer-vos a história,  
Estranha como se diz,  
Do fato que sucedeu  
A um amigo — o Téo Muniz.  
Ele chegara aos quarenta...  
Morava com garbo e graça  
Com velha tia, contando  
Noventa e lá vai fumaça.  
Ela, viúva, fizera  
Testamento em pergaminho,  
Sem outros quaisquer parentes,  
Deixara tudo ao sobrinho.  
O moço, olhando o futuro,  
Pela ambição desmedida,  
Dava-lhe os nomes mais ternos:  
— “Meu tesouro”, “mãe querida...”

Ele adulava a velhinha,  
 Ela adorava o rapaz,  
 Unidos, constantemente,  
 Viviam em doce paz.  
 Mas veio um dia difícil...  
 A tia surgiu doente,  
 O rapaz fez-se-lhe apoio  
 No carinho permanente.  
 Exames. Medicamentos.  
 Inquietações. Agonias.  
 Problemas multiplicados  
 Chegavam, todos os dias.  
 A velhinha, certa noite,  
 Em silêncio, estremeceu...  
 Notando-a imóvel, de todo,  
 Disse a enfermeira: "morreu..."  
 O sobrinho desolado  
 Debruçou-se sobre a tia;  
 Chorando, viu-a parada,  
 O coração não batia.

Veio o médico. No exame,  
 Faz testes, explica, exorta...  
 Num colapso profundo  
 A doente estava morta.  
 Entretanto, quis mais provas,  
 Um companheiro traria;  
 Então, daria o atestado  
 De óbito no outro dia...  
 A casa, de imediato,  
 Transformou-se num velório,  
 Testemunhos de pesar,  
 Condolências. Falatório.  
 Téo chorava na aparência,  
 Pois, ganhando o paparico  
 De quantos vinham a ele,  
 Sabia-se muito rico.  
 A herança era muito grande.  
 A tia deixava rendas,  
 Muitas lojas de aluguel,  
 Terras, galpões e fazendas.

Entretanto, ao dia claro,  
 A morta estava a mexer,  
 Aquele corpo cansado  
 Começara a reviver.  
 Veio médico. Auscultou-a,  
 Dizendo com alegria  
 Que ela somente sofrera,  
 Grave catalepsia.  
 Desiludido e assustado,  
 Téo caiu, em desconforto...  
 Dando entrada no hospital,  
 O coitado estava morto.

## PEDACINHO

Uma queixa descabida,  
 Uma fofoca qualquer,  
 Seja nascida de homem,  
 Seja feita por mulher;  
 Uma frase de ironia,  
 Uma anedota travessa  
 Que ponha o ouvinte aloprado,  
 Com minhocas na cabeça;  
 Um grito disparatado,  
 Um gemido sem razão;  
 Uma conversa comprida  
 Para dizer “sim” ou “não”;  
 Uma resposta infeliz,  
 Um gesto de desacato,  
 Uma nota de azedume,  
 O gosto pelo boato...